

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

ANAI S

III SÉRIE

VOLUME 3



LISBOA



MMVIII

Ficha técnica:

Título

Anais, 3

Coordenação geral

?????

Arranjo gráfico

??????

Processamento de texto

??????

Execução gráfica

Clássica - Artes Gráficas, Porto

Tiragem

??? Exemplares

© Academia Portuguesa da História

Depósito legal

77874/94

ISBN

978-972-624-176-8

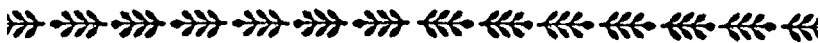
A PRÉ-HISTÓRIA E A PROTO-HISTÓRIA DO
CONCELHO DE ALCOUTIM: SÍNTESE DAS
ESCAVAÇÕES REALIZADAS ENTRE 1998 E 2005

COMUNICAÇÃO APRESENTADA EM SESSÃO ORDINÁRIA
DE 28 DE JANEIRO DE 2004

PELO

Académico de Número

JOÃO LUÍS CARDOSO



I ntrodução

Entre 1998 e 2007, desenvolveu-se em Alcoutim um importante conjunto de iniciativas de índole arqueológica que, realizadas em estreita colaboração entre os dois signatários, conduziu a notável acervo de informações sobre o passado mais longínquo desta vasta e bela região da zona oriental da serra algarvia que conduziu a um assinalável de sítios identificados e depois explorados arqueologicamente (Fig. 1).

O início desta colaboração começou em Setembro de 1998, com a realização de escavações no notável menir do Lavajo situado perto do monte de Afonso Vicente. A intervenção, sob orientação signatário, contou com o apoio da Câmara Municipal de Alcoutim, nela participando activamente a Dr.^a Alexandra Gradim, que, pouco tempo antes, havia sido nomeada arqueóloga da Câmara Municipal e Alcoutim.

Tão valiosa e empenhada foi a sua participação nesta escavação, que desde logo ficou assente que seria, por direito e mérito próprios, associada, como co-autora, ao trabalho onde se viessem a publicar os resultados obtidos da intervenção. Este princípio, que se revelou essencial para o êxito atingido pelos trabalhos arqueológicos subsequentes, foi seguido nos sucessivos estudos publicados, ficando a responsabilidade da direcção dos trabalhos de campo nas estações que se viessem a investigar, bem

como a preparação dos respectivos resultados para publicação, assegurada pelo signatário, cabendo à Dr.^a Alexandra Gradim, para além da participação permanente nos trabalhos de campo, assegurar os aspectos de natureza administrativa e logística, decorrentes do envolvimento da autarquia, que se revelaram essenciais à realização dos trabalhos.

Em Alcoutim, no que respeita à sua ocupação humana ante-histórica, muito estava ainda por fazer, dado que as esparsas informações relativas ao território concelhio, para além das recolhidas ainda ao tempo de José Leite de Vasconcelos, se centravam na época calcolítica, mercê das importantes escavações efectuadas entre 1979 e 1985 no povoado do Cerro dos Castelos de Santa Justa, somadas às realizadas, na mesma época, e pela mesma equipa, dirigida pelo Prof. Doutor Victor S. Gonçalves, na *tholos* da Eira dos Palheiros e na anta do Curral da Castelhana.

Importava, pois, retomar as prospecções de terreno, as quais se impunham devido às extensas áreas concelhias interessadas por projectos de florestação, as quais, por tal motivo, foram objecto de prospecções arqueológicas preventivas prioritárias. Os resultados desses trabalhos a cargo da Dr.^a Alexandra Gradim, encontram-se apresentados em relatório enviado ao Instituto Português de Arqueologia em 1999, os quais suportaram a base empírica indispensável aos trabalhos de escavação realizados subsequentemente (Gradim, 1999).

Foi assim, que, em 2000 se efectuou a exploração da cista megalítica do Malhão, em cerro sobranceiro a Martinlongo, em resultado da sua afectação pela construção de uma antena de comunicações móveis, cujos resultados foram publicados na Revista Portuguesa de Arqueologia.

Em 2001, na sequência dos trabalhos realizados em 1998 no grande menir do Lavajo, realizou-se nova intervenção, do outro lado do vale do Lavajo (Lavajo 2), que permitiu confirmar um novo conjunto de quatro estelas menires, também de grauvaque, bem como o alvéolo respectivo de fundação de todo o conjunto.

Os monólitos haviam sido partidos recentemente e, tal como a anterior a intervenção arqueológica, revestia-se de carácter de emergência, dada a intensa lavra dos terrenos com recurso a maquinaria pesada.

Em 2002, a atenção recaiu sobre um monumento que havia sido identificado na sequência do alargamento de um estradão florestal, relacionado com projecto de florestação: uma vez mais, impunha-se a respectiva escavação de emergência, com carácter preventivo, dada a exposição acrescida do monumento recém-descoberto. Tratava-se da sepultura calcolítica colectiva do tipo *tholos* do Cerro do Malhanito, na Freguesia de Monte da Estrada, munida de átrio, corredor e câmara de planta circular, definida por grandes ortóstatos colocados verticalmente numa área escavada previamente no substrato geológico. Tal como anteriormente, a publicação dos resultados foi célere, primeiramente num dos encontros de Arqueologia do Algarve, depois analisando em particular as características da reutilização da câmara do monumento, no Bronze Final/inícios da Idade do Ferro contributo publicado pelo primeiro signatário no volume de homenagem ao Doutor Jorge de Alarcão e, enfim, em artigo de síntese dos resultados obtidos, publicado na revista *Promontoria*, editada pela Universidade do Algarve.

Em 2003 e em 2004 exploraram-se os dois núcleos que constituem a necrópole da Idade do Ferro do Cabeço da Vaca, da Freguesia de Giões. O núcleo principal, integra seis sepulturas, correspondentes a cistas ou a simples covachos com coberturas de lajes, com escasso espólio, destacando-se a recolha de duas pontas de lança, de ferro, num covacho aberto no substrato geológico. Este núcleo foi explorado em 2003, realizando-se em 2009 exploração pontual de uma área que tinha ficado por escavar. O segundo núcleo desta necrópole é constituído apenas por uma grande cista, de aspecto megalítico, situada a cerca de 250 m para Este do núcleo principal e, tal como aquele, afectada pela florestação de pinheiros mansos, que cortaram parte da estrutura

periférica do monumento funerário. Pelas suas características, poderia ter sido construída em várias épocas, desde o Neolítico Final à Idade do Ferro. Mas, aquando dos trabalhos arqueológicos, recolheu-se, assente no fundo da mesma, em posição horizontal, um raro punhal de ferro, com guarda de prata, reportável aos séculos VI/V a.C., sendo portanto sepultura coeva do núcleo explorado da necrópole no ano transacto. Supõe-se que, quer pela sua posição de destaque no terreno, dominando visualmente o outro núcleo da necrópole, quer pela sua arquitectura imponente composta por caixa tumular quadrangular de maior dimensão circundada por um empedrado que lhe confere maior monumentalidade, possa ter pertencido a um elemento de elite guerreira da referida comunidade. Os resultados obtidos foram apresentados a um dos Encontros de Arqueologia do Algarve, encontrando-se publicados nas respectivas actas.

Ainda em 2004, explorou-se a anta do Malhão, no topo de cerro com aproximadamente 200m de altitude, da freguesia de Alcoutim. Embora identificada em 1997, na sequência de informação de um funcionário da autarquia, que em dia de caça tinha reparado na disposição particular daquelas pedras, a escavação só ocorreu sete anos mais tarde, como medida preventiva face à abertura de caminho junto do monumento e de áreas de corta-fogo em redor do monumento. A escavação revelou situação quase inédita em Portugal, correspondendo à construção inacabada de um monumento megalítico, suspensa por motivos cuja causa se ignora. Em seu torno, ergueram-se diversos esteios, que definiram aquela parte do monumento. O monumento só veio conhecer utilização funerária cerca de mil anos depois, tendo então sido efectuada uma única tumulação no espaço da câmara previamente definida. O espólio indica uma sepultura integrável no “horizonte de Ferradeira”, do final do Calcolítico, uma das escassas ocorrências estratigraficamente bem definidas.

Em 2005, coube a vez à necrópole do Bronze do Sudoeste de Soalheironas, pertencente à freguesia de Alcoutim, a qual possui uma implantação no terreno claramente determinada pela sua topografia: com efeito, foi evidente a selecção de uma crista rochosa, estreita e alongada, com a altitude culminante de 133 m, constituída por alternâncias de xistos e grauvaques, ao longo da qual se implantou a necrópole, ocupando uma extensão superior a 100 m. O local dista cerca de 3 km para Oeste, em linha recta, do Guadiana, situando-se no limite da linha de relevos que bordeja o topo da encosta direita em que o rio se encontra entalhado, profundamente recortada por vales dos diversos tributários da margem direita. A intervenção foi determinada pela realização de trabalhos de florestação e pela abertura de estradão, que atingiu algumas das cistas da necrópole: impunha-se, assim, uma escavação preventiva, face ao risco de destruição de toda a estação arqueológica. Na verdade, as mais de trinta sepulturas, na larga maioria correspondentes a cistas, forneceram importante conjunto arqueológico, constituído por recipientes cerâmicos e artefactos metálicos, pertencentes ao Bronze do Sudoeste, constituindo uma das mais extensas estações até agora exploradas no seu género.

As escavações arqueológicas cujos resultados se sintetizam a seguir, não teriam sido possíveis sem o apoio técnico, logístico e financeiro da Câmara Municipal de Alcoutim. Por isso, cumpre agradecer, muito especialmente, na pessoa do seu ilustre Presidente, Dr. Francisco Amaral, não só o patrocínio concedido aos trabalhos, mas também o entusiasmo com que os acompanhou, ano após ano, bem como à Dr.^a Alexandra Gradim, a ajuda inestimável sem os quais aqueles não seriam possíveis, cuja importância se encontra bem expressa pela sua co-autoria nos artigos que, ao longo dos anos foram sendo publicados em actas de reuniões e em revistas da especialidade, bem como do livro de síntese dos trabalhos efectuados, editado pela Câmara Municipal de Alcoutim em 2012 (Cardoso e Gradim, 2012), em que este contributo largamente se inspirou.

2 – As estações arqueológicas: trabalhos realizados, resultados obtidos

2.1 – O Neolítico Final e o Calcolítico

2.1.1 – O conjunto megalítico do Lavajo¹

Os dois núcleos de menires identificados no Barranco do Lavajo (Lavajo 1 e Lavajo 2), distanciados cerca de 250 m na direcção NNE encontram-se separados pelo pequeno vale do Lavajo. Os respectivos locais, pelo menos actualmente, são intervisíveis, graças à sua implantação destacada no terreno: o núcleo de Lavajo 1 situa-se no topo de colina enquanto Lavajo 2 ocupa a linha de fecho de uma encosta, conferindo ao local visibilidade tanto do lado sul como do lado norte. O conjunto de Lavajo 1, identificado na década de 1980 e publicado de forma preliminar em 1992 (Gomes, Cardoso e Joaquim, 1992), é constituído actualmente por três monólitos, todos de grauvaque (Fig. 2): um, quase inteiro, de tendência fálica, é actualmente o maior menir de grauvaque conhecido em território português, atingindo o comprimento máximo de 3,14 m; outro, quase completo, fragmentado em três grandes blocos, possui formato estelar; o restante apresenta-se muito incompleto, dele se conservando apenas uma lasca da sua face frontal. É crível, no entanto, que pudessem

¹ Sobre as intervenções arqueológicas desenvolvidas neste importante conjunto megalítico publicaram-se dois artigos: CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; GRADIM, A; JOAQUIM, A. N. (2002) - Menires do Alto Algarve oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5 (2), p. 99-133. e CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; GRADIM, Alexandra, e JOAQUIM, António do Nascimento (2003) - Resultados preliminares das escavações arqueológicas realizadas nos núcleos de *Menires Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim)*. *Actas do 1.º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Revista XELB, n.º 4, Silves, p. 54-68, e uma brochura (CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; GRADIM, Alexandra; JOAQUIM, António do Nascimento (2003) - *Os Menires do Lavajo*. Afonso Vicente, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim/ Comissão de Coordenação Regional do Algarve, Alcoutim.

existir mais monólitos, tendo em conta os abundantes fragmentos de grauvaque ali observados, quase todos com fracturas frescas. Todos os menires de Lavajo 1 se apresentam decorados, com destaque para o maior deles, o qual exhibe complexa decoração estreitamente relacionada com a morfologia do suporte lítico, de carácter fálico. A sua iconografia afigura-se excepcional, mesmo a nível internacional e, tendo sido já objecto de aturada análise descritiva, interpretativa e comparativa (Cardoso e Gradim, 2012), que naturalmente extravasa esta síntese, é para ela que se remetem os mais interessados. Apenas para este menir foi possível determinar o local primitivo de implantação, correspondente a um alvéolo de planta circular e fundo aplanado, parcialmente danificado pelos trabalhos clandestinos realizados em 1994, que conduziram ao seu reerguimento, infelizmente feito de forma descuidada, tendo até sido colocado no terreno em posição invertida. Seja como for, pode concluir-se que, na zona culminante daquele pequeno cabeço, se implantaram três menires decorados, que se articulariam directamente com o conjunto de Lavajo 2, que se avista ao longe, do outro lado do pequeno vale do Lavajo, implantados na linha de festo da encosta. Neste segundo local, identificaram-se quatro estelas-menir não decoradas, todas de grauvaque, das quais apenas uma, representada por fragmento de pequenas dimensões, se encontrava *in situ*. Foi, no entanto, possível reconstituir a posição relativa das restantes, através da escavação integral do respectivo alvéolo, correspondente a rasgo alongado, orientado Este-Oeste, aberto no substrato geológico, constituído por xistos do Carbónico Superior finamente folheados. Deste modo, conclui-se que as estelas menir se dispunham em linha, constituindo um painel lítico contínuo. No interior do referido alvéolo, recolheram-se diversos artefactos ali ritualmente depositados aquando da fundação do monumento, cuja tipologia indica o Neolítico Final, cronologia aliás compatível com a do conjunto megalítico de Lavajo 1, tendo presente a iconografia patente nos menires.

Muito embora não se conheça ainda suficientemente o padrão de povoamento da região no Neolítico Final, estes dois núcleos megalíticos podem ser interpretados como marcadores de territórios e/ou de espaços sagrados (Gonçalves; Balbín-Behrmann; Bueno-Ramírez, 1997), sendo de destacar a existência, durante todo o ano, de água nas proximidades imediatas, recurso escasso e precioso, que propiciaria a horticultura. Por outro lado, a natureza das matérias-primas utilizadas na confecção dos artefactos encontrados (sílex, anfíbolito), para além de outros materiais de circulação transregional muito mais alargada como é o caso da fibrolite (Ferreira, 1953), evidencia a forte interacção destas populações tanto com o interior do Baixo Alentejo (Zona de Ossa/Morena), como com o litoral algarvio ou andaluz, compatível com estágio de desenvolvimento económico do final do Neolítico do sul peninsular, atingido na segunda metade do IV milénio a. C.

Numa vasta região, correspondente a todo o sotavento algarvio, onde o megalitismo não funerário era até agora totalmente desconhecido, os testemunhos ora estudados constituem, doravante, uma das expressões mais interessantes e significativas, cuja relevância se impõe numa área muito mais vasta, correspondente a todo o Sudoeste peninsular.

As referências a alinhamentos simples de menires no território português são extremamente escassas e imprecisas. Embora se conheçam na bibliografia alusões a dois possíveis conjuntos, do barlavento algarvio, em Padrão, Vila do Bispo (Gomes, 1997, p. 147, 148), apenas se encontram documentadas, com alguma segurança, duas ocorrências, uma vez que o alinhamento de Tera, Montemor-o-Novo, explorado por Leonor Rocha, se inscreve já na Idade do Ferro. Uma delas é o monumento de Cerro das Pedras, Loulé, escavado por Estácio da Veiga. O conjunto é constituído por, pelo menos, três monólitos, alguns de aspecto estelar (Veiga, 1886, Est. XI), junto dos quais aquele arqueólogo recolheu um fragmento de placa de xisto, uma conta discóide, também de xisto, e um trapézio, de sílex, espólio que, pela natureza, é comparável

ao recolhido no conjunto de Lavajo 2 integrando-se, de igual modo, no Neolítico Final. De referir que um desses menires, foi identificado por M. V. Gomes com o exemplar hoje guardado no Museu de Loulé, de aspecto sub-piramidal, com uma das faces repleta de “covinhas”, como o menir n.º 3 de Lavajo 1 (Gomes, 1997, Fig. 17, B). No centro do País, foi referenciado um outro alinhamento de pequenos monólitos, integrando o grande menir de Caparrosa, Viseu (Gomes e Monteiro, 1974/1977).

Os dois núcleos megalíticos em apreço, Lavajo 1 e 2, relacionar-se-iam certamente entre si. Porém, não é possível caracterizar a natureza das actividades rituais ali realizadas entre os finais do IV milénio a.C. e os inícios do milénio seguinte (não repugna aceitar para ambos uma cronologia dos inícios do Calcolítico), até por constituírem um conjunto (melhor, complexo megalítico) sem paralelo no território português. A possibilidade de se tratar de marcos simbólicos na paisagem, relacionados com a posse/ delimitação de terrenos agrícolas particularmente produtivos face à pobreza agrícola dos solos xistosos dominantes é de reter; tais terrenos, de facto, existem localmente, no barranco da Lapa, colmatado de solos onde a horticultura é possível graças à existência de um poço no qual a água nunca seca, situado a menos de 100 m do conjunto de Lavajo 2. “Os menires marcam efectivamente territórios e a sua visibilidade e impacto simbólico é uma componente indispensável do processo da sua construção” (Gonçalves, Balbín Behrmann e Bueno Ramírez, 1997, p. 250). Porém, a extensão desta evidência – aplicada pelos autores à região megalítica de Reguengos de Monsaraz – à região do Alto Algarve oriental, depara com as dificuldades de esta última ainda estar quase por explorar em tal domínio. Com efeito, na área em apreço, apenas se encontram registados ténues vestígios de povoamento coevo: é o caso da ocorrência de escassos dormentes e moventes de mós manuais, para além de um sepulcro megalítico cerca de 1,8 km para SSW do conjunto de Lavajo 1, localizado por A. Gradim. Assim sendo, resta por esclarecer cabalmente

os motivos que estiveram na origem da monumentalização da paisagem, feita ainda no decurso do Neolítico Final, testemunhada pela construção deste complexo megalítico.

Não existem, no entanto, dúvidas quanto ao estádio de desenvolvimento económico destas populações do Neolítico Final ou dos inícios do Calcolítico. Muito embora os testemunhos de povoamento sedentário sejam, por ora, quase desconhecidos na área adjacente, a presença, por um lado, da enxó de rocha anfibolítica, oriunda do Baixo Alentejo (Zona de Ossa/Morena) a par de outras peças, de origem ainda mais longínqua, como a fibrolite e, por outro, de artefactos de sílex, oriundos do barrocal algarvio ou da Andaluzia, mostra a interacção estabelecida com regiões díspares e afastadas, tendo em vista a obtenção de recursos essenciais à actividade quotidiana destas populações. Tal evidência é mais uma prova, a par de outras (tipologia dos artefactos e características comparadas da morfologia e da decoração dos megálitos), para situar este complexo megalítico numa época já tardia do fenómeno megalítico do sul peninsular do qual constitui, doravante, uma das suas expressões mais interessantes e significativas.

2.1.2 – A cista megalítica do Cerro do Malhão²

A cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim), foi objecto de escavação de emergência realizada em Abril e Maio de 2000, pouco tempo antes parcialmente destruída pela construção de uma antena de telecomunicações da TMN, empresa que suportou parcialmente os encargos da escavação. Esta, desenvolveu-se em extensão, numa área alargada em redor do monumento, o que permitiu pôr à vista um vasto lajeado, constituído por elementos de grauvaque e de xisto, de planta subcircular, tendo por centro a

² Sobre este monumento, publicou-se o seguinte estudo: CARDOSO, João Luís; GRADIM, Alexandra, (2003) - *A cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim)*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 167-179.

cista megalítica. Tendo em consideração que aquele lajeado, regular e extenso, bem delimitado na sua periferia, estaria a descoberto – pois de outra forma não se entenderia a sua existência – conclui-se que a cista, cujos topos atingem cerca de 0,5 m acima daquele, se encontraria também a descoberto, constituindo uma espécie de sarcófago a céu aberto, no centro do referido lajeado. Este, teria, assim, uma dupla função: a de sublinhar ritualmente o espaço funerário, servindo, ao mesmo tempo, de elemento protector da sepultura propriamente dita.

Trata-se da primeira vez que, numa cista megalítica, se reconheceram tais características arquitectónicas. O exemplo mais próximo no território português corresponde à cista megalítica de Castelejo (Vila Nova de Paiva), publicada por G. Leisner e adiante citada, a qual possui, na base de um dos esteios menores, uma abertura, sugerindo que, tal como a de Cerro do Malhão, que fosse desprovida de cobertura tumular.

Embora violada de há muito, a cista, pela técnica construtiva, de carácter megalítico, pelo tamanho e pelo espólio, situar-se-á entre o Neolítico Final e o Calcolítico, sendo porém anterior às cistas do Calcolítico Final regional, pertencentes ao chamado “Horizonte de Ferradeira”.

Cistas megalíticas como esta, sempre individuais ou, no limite, destinadas à tumulação de um escasso número de indivíduos, são frequentes no sul de Portugal e, de uma forma mais geral, no megalitismo do ocidente peninsular, embora a sua integração cronológico-cultural nem sempre seja fácil, até pela raridade dos espólios recolhidos.

Interessa, conseqüentemente, valorizar as características das peças exumadas. Tendo presente as respectivas tipologias, parecem estar representados dois momentos na utilização do monumento: um, mais antigo, do Neolítico Final, correspondente ao fragmento da placa de xisto; outro, já do Calcolítico, representado pela ponta de seta. Mas a verdade é que ambos os artefactos não são de coexistência incompatível, visto

conhecerem-se diversas sepulturas, plenamente calcolíticas, com abundantes placas de xisto decoradas e, ao contrário, ser frequente a ocorrência de pontas de seta de base côncava em numerosos contextos do Neolítico Final, tanto de carácter habitacional como funerário. No entanto, o presente exemplar exhibe aspecto nitidamente calcolítico, por possuir a base profundamente cavada, sendo comparável a pontas de seta recolhidas nas *tholoi* alcalarenses (Veiga, 1886, Est. 1). Deste modo, é lícito admitir para a construção e ocupação da cista do Cerro do Malhão, uma cronologia do Neolítico Final, ou já do Calcolítico, em todo o caso anterior à das cistas do final do Calcolítico algarvia, como as que correspondem ao chamado “horizonte de Ferradeira”, definido a partir da sepultura individual, do tipo cista, do sítio epónimo, do concelho de Faro (Schubart, 1971). Com efeito, aquela sepultura continha materiais que em nada tinham de comum com qualquer das peças exumadas no presente sepulcro; a sepultura de Ferradeira também não possui, ao contrário desta, características megalíticas, dada a pequena dimensão dos elementos que a definem, bem como o seu modo de implantação no terreno, correspondente à abertura de covacho, até um metro abaixo do nível do solo, cujas paredes foram revestidas de lajes calcárias, o qual nada tem a ver com as cistas megalíticas, mais antigas (Franco e Viana, 1949).

Existem ainda outras cistas algarvias cuja cronologia, tendo presente o respectivo espólio, pode ser coeva da do Cerro do Malhão: é o caso de duas cistas sob *tumulus*, com cerca de 3 m de comprimento de Vale de Carro, Faro, consideradas de características megalíticas, as quais encerravam cerâmicas e cerca de uma dezena de instrumentos: machados e enxós de pedra polida e instrumentos líticos, porém sem qualquer ponta de seta (Ferreira e Castro, 1948). Algumas cistas megalíticas de Monchique, detêm maiores analogias com a sepultura agora estudada; mas neste caso tais sepulturas encontravam-se cobertas por *tumuli* (Formosinho, Ferreira e Viana, 1953/1954). Aliás, a existência

de cistas megalíticas estende-se a todas as regiões do País, não sendo, seguramente, integráveis numa única etapa cultural.

Ainda no Algarve, e muito mais próximo do monumento em apreço, merece destaque, até pela semelhante implantação no terreno – um alto isolado – a cista megalítica de planta naviforme do Cerro do Castelo (freguesia de Azinhal, concelho de Castro Marim), com o comprimento máximo interno de 2,20 m. Segundo o seu explorador, apareceram escassos materiais que não deixam dúvidas quanto à sua integração no Neolítico ou no Calcolítico (Veiga, 1886, p. 292, 293). Esta é, pois, a ocorrência com maiores semelhanças com o monumento em apreço, sendo também a geograficamente mais próxima.

Importa sublinhar que esta é a primeira cista megalítica a ser escavada no Alto Algarve oriental onde, em contrapartida, se conhecem e exploraram diversas antas de grandes dimensões, providas de câmara e de corredor, também recorrendo ao grau-vaque para a feitura dos esteios, pertencentes ao Neolítico Final: é o caso das antas do Curral das Castelhanas e das Pedras Altas (Gonçalves, 1989).

Deve valorizar-se a particularidade de a cista do Cerro do Malhão não se encontrar primitivamente coberta por *tumulus* e, ao contrário, emergir do terreno envolvente, sem outro paralelo no território português. Quanto à eventualidade de algumas cistas megalíticas do território português não se encontrarem enterradas, nem sequer cobertas por *tumuli*, importa salientar a existência da cista de “Castillejo” (sic), ou melhor, do “Castelejo”, do concelho de Vila Nova de Paiva (Leisner e Leisner, 1956, Tf. 28, 63; Leisner, 1998, p. 38, Tf. 135 a, Karte I-16,17), também chamada de “Lenteiros” (Cruz, 1998). Trata-se de uma cista (“antela”, na designação utilizada aquando da sua primeira publicação, cf Leisner, s/d, p. 150), de planta quadrada, de assinaláveis dimensões, desprovida de espólio, a qual possui a particularidade de conservar, no centro da base do esteio voltado a Sudoeste, uma abertura de contorno semi-elíptico, comunicando com o interior. Aquando

da sua exploração, a passagem encontrava-se obstruída, do lado externo, por dois blocos (Leisner, s/d, Tf. 63, 1). A presença desta abertura, sem dúvida de carácter ritual, pressupõe que, pelo menos, a face correspondente da cista se encontrava originalmente a descoberto; a ser assim, tratar-se-ia do paralelo mais próximo para a situação detectada no Cerro do Malhão.

A propósito da existência de aberturas afeiçoadas em antas portuguesas, e descontando a anta da Candieira (serra de Ossa), cuja abertura, de pequenas dimensões situada na parte superior de um dos esteios poderá, no entanto, ser mais recente (Cartailhac, 1886, p. 171; Vasconcellos, 1897, p. 320), é de referir a existência de porta talhada no esteio de um monumento de espólio “neolítico”, explorado por Manuel Heleno na região do Ciborro, concelho de Montemor-o-Novo: trata-se do dólmen do Freixo, da Herdade do Paço, de câmara poligonal alongada mas de pequenas dimensões (2,75 m por 1,50 m), cuja porta, aberta num dos esteios com cerca de 2 m, tanto de largura como de altura, é arredondada e irregular com 1,0 m de altura por 0,50 m de largura (Leisner, s/d, p. 150).

A terminar, é de referir que, no concelho de Alcoutim, existem outras cistas megalíticas, também localizadas pela Dr.^a Alexandra Gradim. Crê-se que a sua exploração, que se pretende levar a cabo num futuro próximo, muito contribuirá para um melhor conhecimento deste tipo de monumentos funerários, ainda muito mal conhecidos, cujo interesse é reforçado pela presença de particularismos arquitectónicos, como os identificados no caso presente.

2.2 – O Calcolítico e o Bronze Final

2.2.1 – A *tholos* do Cerro do Malhanito¹

A *tholos* do Cerro do Malhanito corresponde ao segundo monumento no seu género identificado e explorado no Alto Algarve Oriental, depois de, nos finais da década de 1980, se ter publicado a *tholos* da Eira dos Palheiros (Gonçalves, 1989,

Fig. 6.5), distanciada cerca de 12,5 km para ESE. Tal como este último monumento foi relacionado com o povoado fortificado do Cerro do Castelo de Santa Justa (Gonçalves, 1989, p. 346), também o presente sepulcro poderá relacionar-se com o povoado do Cerro do Castelo das Mestras, dado a conhecer por V. S. Gonçalves, situado num cabeço cerca de 2,5 km para ENE. As semelhanças com a *tholos* da Eira dos Palheiros estendem-se, ainda, às características da implantação topográfica: também este sepulcro se localiza “na extremidade de um cerro, dominando um meandro da ribeira da Foupana” (Gonçalves, 1989, p. 342). Porém, ao contrário do ali observado, bem como na generalidade das *tholoi* do Baixo Alentejo, o corredor do monumento do Cerro do Malhanito é curto, terminando em um possível átrio, mal conservado e, por isso mesmo, apenas plausível (Fig. 3, em baixo). O pequeno comprimento do corredor tem paralelo mais próximo no monumento de Marcela, no litoral algarvio (freguesia de Cacela, concelho de Tavira). Com efeito, a planta que dele publicou o seu explorador (Veiga, 1886, Est. XII, nº 2), sugere um monumento complexo, constituído por uma *tholos* de corredor curto, idêntica à agora estudada, a cuja entrada se encostou a cabeceira de um monumento megalítico de planta subtrapezoidal, do tipo “galeria coberta”, que tem no megálito vizinho de Nora, o seu melhor paralelo. Esta hipótese, recentemente admitida (Gonçalves, 2003), que faria com que a *tholos* fosse mais antiga que o megálito a ela geminado, carece de confirmação, dificultada pelo facto de ambos os monumentos terem, entretanto, desaparecido. As escavações recentemente realizadas no notável monumento megalítico, perto de Santa Rita (freguesia de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António) (Garcia, 2008), poderão contribuir para a clarificação da relação cronológico-cultural entre as duas estruturas funerárias identificadas no vizinho sítio da Nora. Seja como for, o complexo monumento da Nora, bem como o de Santa Rita, representam paralelos que deverão ser registados. Outro paralelo, mais sugestivo, corresponde à *tholos* de Cerro do

Gatão, Ourique (Viana, Ferreira & Andrade, 1961 a). Trata-se, igualmente, de monumento com corredor curto, definido apenas por um ortóstato colocado de cada lado, antecedido por um átrio exterior, ao ar livre, como poderia observar-se no presente sepulcro.

¹ Sobre os resultados das escavações deste importante monumento calcolítico, publicaram-se três trabalhos: o primeiro, destinou-se a dar a conhecer os principais resultados obtidos, incidindo especialmente sobre a arquitectura do sepulcro e considerações genéricas sobre a natureza de pelo menos uma inumação nele realizada, no Bronze Final / I Idade do Ferro, apresentado em 2003 (CARDOSO, João Luís; GRADIM, Alexandra (2005) - *A tholos do Cerro do Malhanito (Alcoutim)*. Resultados preliminares das escavações efectuadas. 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2003). Actas: Câmara Municipal de Silves, p.28-40 (Xelb, 5). Este último aspecto, incluindo a publicação do espólio cerâmico que àquela ou àquelas pôde ser reportado, foi desenvolvido em estudo específico: CARDOSO, J. L. (2005) – Uma tumulação do final do Bronze Final/ inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). Em *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão* (LOPES, M. C. e VILAÇA, R., coord.). Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 193-223. O terceiro e último artigo teve como objectivo publicar a totalidade espólio calcolítico exumado, que em boa parte se encontrava inédito: CARDOSO, João Luís e GRADIM, Alexandra (2007) - *A tholos do Cerro do Malhanito (Alcoutim)*. Resultados das escavações arqueológicas efectuadas. *Promontoria*. Faro. 5, p.199-226.

Diversa é a realidade expressa pelo monumento de câmara circular escavado perto de Castro Marim, no século XIX por António Mendes, colector da então Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal. Tal monumento era fechado e desprovido de corredor, conforme o original de António Mendes claramente

demonstra (Gomes, Cardoso e Cunha, 1994). Trata-se, isso sim, de um sepulcro semelhante a alguns dos identificados por G. e V. Leisner no Sudeste, e atribuídos, no âmbito da Cultura de Almería, a uma época anterior às *tholoi* daquela região (Leisner, 1945); e, com efeito, a datação de radiocarbono realizada sobre um das duas tíbias do provavelmente único indivíduo nele tumulado, indica a atribuição cronológica do sepulcro ao Neolítico Final.

A estrutura de selagem identificada na tholos do Malhanito, na passagem para a câmara, tem, igualmente, paralelo em algumas *tholoi* do sul de Portugal, como a do Monte das Pereiras (Serralheiro e Andrade, 1961), que, a meio do corredor, e em estreita articulação com dois “batentes” laterais, possuía uma “porta” feita num ortóstato, que se encontrou tombada no interior do mesmo, tal como se verifica nalgumas das célebres *tholoi* de Alcalar.

Ainda no concernente à arquitectura do monumento, assinala-se que a solução construtiva mais comum entre os quase trinta monumentos inventariados seus congéneres explorados tanto no Baixo Alentejo e no Algarve, como no Alto Alentejo (Cardoso, 2002), corresponde ao uso sistemático de elementos ortostáticos para delimitar as câmaras e os corredores, tal como o observado no caso em apreço; ao contrário, em alguns congéneres da necrópole de Alcalar, as estruturas foram definidas por elementos dispostos horizontalmente, técnica que parece ser exclusiva dos escassos monumentos calcolíticos estremenhos de falsa cúpula.

É exíguo o espólio arqueológico exumado, em consonância com o verificado em outros monumentos do sul de Portugal, a começar pela vizinha *tholos* da Eira dos Palheiros, já referida; monumentos há que, apesar do seu excelente estado de conservação, como a já mencionada *tholos* do Cerro do Gatão, Ourique (Viana, Ferreira e Andrade, 1961 a), quase se encontravam desprovidos de espólio (este apenas deu um fragmento cerâmico e uma pequena lâmina de sílex, muito fruste), contrastando com a abundância de materiais arqueológicos verificada noutros monumentos análogos da mesma região, como a *tholos* de Monte Velho, Ourique (Viana,

Andrade e Ferreira, 1961); a razão de tal realidade prende-se, antes de mais, com a escassa utilização funerária dada à maioria das *tholoi* meridionais (com algumas excepções, particularmente evidentes em Alcalar, apesar de aqui a utilização do espaço funerário se encontrar muito aquém do potencialmente disponível, como é indicado pela monumentalidade dos sepulcros): tal como no monumento em apreço, também na *tholos* da Eira dos Palheiros, apenas um máximo de duas deposições terão sido efectuadas (Gonçalves, 1989, p. 346). Enfim, na *tholos* do Monte do Outeiro, Aljustrel (Viana, Ferreira & Andrade, 1961 b), apenas se identificou uma tumulação calcolítica. Tal escassez, pode estar relacionada com o estatuto dos indivíduos tumulados: por outras palavras, nem todos os elementos pertencentes a uma dada comunidade teriam direito a serem sepultados nestes monumentos, os quais seriam reservados para o segmento dominante: esta situação explicaria, segundo R. Parreira (comunicação verbal, 2007), a escassez de restos humanos nos sepulcros alcalarenses, contrastando, por um lado, com a importância do povoado correspondente e, por outro, com o carácter verdadeiramente colectivo identificado no hipogeu de Monte Canelas, situado nas proximidades e pertencente à época imediatamente anterior (Neolítico Final).

Não obstante a pobreza do espólio, deve ser devidamente valorizada a presença de ídolo antropomórfico talhado num seixo achatado de ribeira, por dois entalhe opostos no seu terço superior, depositado ritualmente à entrada do corredor, o qual, sendo único no seu género em Portugal (Fig. 3, em cima), possui paralelos no Sudeste peninsular (Almagro-Gorbea, 1973); aliás, a presença, no decurso do Calcolítico, na região algarvia, de peças verdadeiramente importadas daquela região – ou, em alternativa, dos artífices que as confeccionaram – foi comprovada pelo estudo do notável conjunto de ídolos de Pêra, Silves (Cardoso, 2002 b).

Não deixa de ser singular a falta absoluta, no Cerro do Malhanito, de artefactos de pedra lascada (lâminas e, sobretudo,

pontas de seta), bem como de materiais cerâmicos calcolíticos, que constituem geralmente parte significativa dos espólios funerários deste tipo de monumentos, embora a relação entre os dois grupos de matérias-primas não seja sempre proporcional; com efeito, alguns monumentos baixo-alentejanos possuem reportório cerâmico significativo, sem que tal seja acompanhado pela indústria lítica, como é o caso da *tholos* do Monte das Pereiras (Serralheiro e Andrade, 1961). Talvez, em parte, no caso em apreço, esta falta seja mais aparente que real, tendo presente o completo esvaziamento da câmara do monumento aquando da sua reutilização, com a fractura das peças cerâmicas, mais frágeis, e o fácil extravio dos artefactos líticos, por serem de menores dimensões.

Tal reutilização deu-se no Bronze Final/inícios da Idade do Ferro. Também para este fenómeno, são vários os paralelos encontrados, tanto no Bronze Final, como na Idade do Ferro do sul de Portugal, inventariados em estudo anterior (Cardoso, 2004): os exemplos mais expressivos são os das *tholoi* do Barranco da Nora Velha, Ourique (Viana, 1962) e do Monte do Outeiro, Aljustrel (Schubart, 1965); mas outros se poderiam citar, como o achado de uma fivela do tipo Acébuchal, segundo a classificação de E. Quadrado, no exterior da *tholos* do Cerro do Gatão (Almeida & Ferreira, 1967), ou as duas reutilizações no Bronze Final e na II Idade do Ferro da cista megalítica do Cerro das Antas, Almodôvar (Viana, Ferreira e Andrade, 1957). Tais situações têm, no vizinho território andaluz, estreitas analogias. Com efeito, também nesta vasta região do Sueste peninsular se identificaram abundantes reutilizações de sepulturas colectivas calcolíticas (Lorrio e Montero Ruiz, 2004).

Contudo, os exemplos anteriores correspondem mais a adições de materiais aos primitivamente existentes, não requerendo limpezas e muito menos esvaziamentos de espaços sepulcrais anteriormente ocupados, com destaque para o importante conjunto cerâmico recolhido, constituído por recipientes de excelente acabamento e superfícies alisadas e brunidas (Fig. 4). É neste aspecto que ganha

particular relevância o paralelo oferecido pela *tholos* da Roça do Casal do Meio, Sesimbra, onde, na câmara, foram identificados pelos escavadores, indícios de limpezas imediatamente antecedentes das duas inumações ali efectuadas no Bronze Final (Spindler *et al.*, 1973/1974, p. 117). Com efeito, após a discussão das diversas hipóteses que têm sido apresentadas para explicar a ocorrência deste monumento de arquitectura única, no contexto peninsular, para a época a que tem sido comumente atribuído (o Bronze Final), e verificadas que as próprias características do monumento são substancialmente mais simples que as indicadas pelos seus escavadores, ganha corpo a possibilidade mais lógica, a de se tratar da reutilização de uma *tholos* calcolítica (Cardoso, 2004), tal como o caso em apreço, dele constituindo o paralelo mais próximo.

Os remeximentos no interior da câmara continuaram em épocas ulteriores, como se verificou noutros sepulcros megalíticos da região, realidade comprovada pela intensa fracturação dos recipientes do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro exumados. Com efeito, na vizinha povoação do Monte da Estrada, os escassos habitantes permanentes associavam a existência da *tholos* a uma antiga sepultura, sendo plausível que tal ideia tenha motivado alguma “exploração” em tempos pouco distantes, antecedendo os danos verificados na parte superior de alguns dos ortóstatos da câmara do monumento, que estiveram, aliás, na origem desta intervenção arqueológica.

Provavelmente, terá sido apenas um indivíduo tumulado, no Bronze Final / inícios da Idade do Ferro no monumento, cujo corpo foi depositado directamente sobre o chão primitivo da câmara; os restos antropológicos recolhidos, conquanto em muito mau estado de conservação, circunscrevem-se a algumas diáfises de ossos longos, mais resistentes, alguns ainda em conexão anatómica; apesar do seu mau estado, são, até ao presente, o único conjunto antropológico recolhido em sepulturas do tipo *tholoi*, tanto na serra algarvia, como em toda a vasta região confinante baixo-alentejana.

2.3 – A transição do Calcolítico para a Idade do Bronze: o Horizonte de Ferradeira

2.3.1 – A anta do Malhão³

A anta do Malhão é um pequeno monumento megalítico situado no topo de um cerro xistoso culminante dos relevos da região, próximo da povoação de Afonso Vicente, integralmente constituído por esteios de grauvaque, cuja construção deve remontar aos finais do IV milénio a.C. (Fig. 5).

Possui câmara poligonal e corredor, do qual apenas a entrada foi definida, por dois esteios fixados verticalmente. O restante espaço do corredor não foi afeiçoado, mantendo-se o afloramento xistoso primitivo no lugar onde deveriam ter sido fixados os restantes esteios laterais. Deste modo, verifica-se que a construção do sepulcro não foi concluída, apesar de o espaço correspondente ao interior da câmara se encontrar inteiramente ocupado por uma laje de grauvaque de grandes dimensões, o que obrigou a um elevado investimento. A colocação desta grande laje antecedeu a delimitação da câmara pelos respectivos esteios, os quais se encontram fixados por cunhas, encaixadas entre aquela e o lado interno destes.

A única tumulação, efectuada na câmara e em parte do corredor, corresponde a época integrada em fase tardia do Horizonte de Ferradeira, dos finais do III milénio a.C. Sobre uma camada estéril, com cerca de 10 cm de potência, entretanto acumulada no interior da câmara, identificou-se um vaso liso, de carena alta, acompanhado de uma pequena taça em calote, também lisa, sob a qual jazia uma ponta Palmela de tipologia

³ Sobre este monumento e os resultados das escavações nele realizadas, foi publicado o estudo: CARDOSO, João Luís; GRADIM, Alexandra (2010) - A anta do Malhão (Alcoutim) e o Horizonte de Ferradeira. *7.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2009)*. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 55-72. (XELB, 10).

evoluída. No corredor, junto à câmara, recolheu-se um longo e estreito punhal, correspondendo a modelo de transição entre as produções calcolíticas e as argáricas (Fig. 6). Trata-se, pois, de um conjunto funerário, selado e homogéneo, um dos poucos que, nestas circunstâncias têm sido claramente identificados no âmbito do Horizonte de Ferradeira, definido por H. Schubart em 1971, abrangendo o Baixo-Alentejo e o Algarve, com prolongamentos pela Andaluzia Ocidental.

A única tumulação efectuada no monumento, correspondente a uma reutilização deste, deve ter sido acompanhada da erecção, no exterior do recinto, e do lado direito da entrada do mesmo, de uma estela, ostentando duas pequenas “fossettes” numa das faces, cuja fundação se fez ao nível definido por um empedrado com planta em ferradura, constituído por lajes alongadas de grauvaque, que circundam exteriormente a câmara do monumento. A disposição cuidada dos elementos deste empedrado indica que o monumento não possuía *tumulus*, à semelhança do verificado em outros monumentos funerários da região, de tipo cistóide, pertencentes a diversas épocas, do Neolítico Final/ Calcolítico à Idade do Ferro, explorados na região pelo signatário em colaboração com a Dr.^a Alexandra Gradim, como a cista do Cerro do Malhão, monumento já acima apresentado, e a cista da Idade do Ferro do núcleo 2 da necrópole do Cabeço da Vaca, adiante estudada.coutim.

A fase mais antiga, representada pela construção da anta, atribuível a finais do IV milénio a.C., não tem equivalente no registo arqueológico móvel, dado que aquela, tendo ficado inacabada, não chegou a ser utilizada. Assim, o espólio exumado pertence integralmente a uma única reutilização, verificada cerca de mil anos depois, quando, no interior da câmara, já se tinha acumulado uma fina camada amarelada, fortemente argilosa, com cerca de 10 a 15 cm de espessura. Foi sobre esta camada que se efectuou a deposição de um corpo, do qual nada se conseguiu recolher.

O conjunto arqueológico exumado revela a sepultura de um personagem pertencente à superstrutura social que exercia o

poder. Com efeito, além da ponta Palmela, artefacto comum em conjuntos similares, assume particular importância o belo punhal, cuja existência, por si só, denuncia o nível social do inumado no seio da comunidade a que pertencia.

Infelizmente, como é normal nestes casos, desconhecem-se os locais habitados na região por estas comunidades dos finais do Calcolítico/inícios da Idade do Bronze, sendo natural que, antecedendo a situação verificada logo a seguir, no decurso do Bronze do Sudoeste, correspondessem a pequenos aglomerados onde se praticava, além de uma economia agropastoril de subsistência, a exploração das mineralizações cupríferas disseminadas pela região.

As características tipológicas do punhal, sem dúvida a peça mais relevante do espólio exumado, são condizentes com a tipologia do vaso liso recuperado e com as características evoluídas da ponta Palmela, remetendo a tumulação para o período de transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze. Tal período encontra-se representado, na área do Sudoeste peninsular, pelo “Horizonte de Ferradeira”, designação proposta por H. Schubart (Schubart, 1971), a partir do espólio exumado numa sepultura cistóide individual, que fazia parte de um conjunto de três, identificadas no sítio epónimo, do concelho de Faro (Franco e Viana, 1948). As cistas afins à de Ferradeira, cujas características e espólios foram comparados por H. Schubart a outras, do Algarve e do Baixo Alentejo (Vila Nova de Milfontes, Odemira, Aljezur e Aljustrel), por vezes com base apenas em semelhanças tipológicas, consubstanciarium uma realidade material, a que Schubart atribuiu significado cronológico-cultural próprio.

Definido com base em um conjunto artefactual cuja coerência interna não se encontrava à época cabalmente demonstrada, de carácter exclusivamente funerário, o referido termo passou a designar as associações artefactuais de afinidades campaniformes, mas das quais os vasos campaniformes decorados já não faziam parte integrante, mas apenas os seus equivalentes lisos,

abarcando todo o sul do território português e parte da Andaluzia ocidental. A sepultura epónima correspondia a uma cista que continha uma taça de carena baixa lisa (afim das da Idade do Bronze), um braçal de arqueiro e uma ponta Palmela de cobre, de tipologia evoluída, tal como a do exemplar exumado na anta do Malhão, a que se juntava, oriundo de outra sepultura do mesmo local, uma pequena taça em calote, igualmente com paralelo na taça recuperada no monumento em estudo. A este conjunto associar-se-iam outras produções campaniformes características, como os punhais de lingueta, que na verdade ocorrem em outros conjuntos supostamente isolados.

Estas cistas têm provavelmente antecedentes locais. Porém, a única até ao presente objecto de escavação, foi a cista do Cerro do Malhão, Alcoutim, a qual se encontrava, tal como o monumento em apreço, circundada por empedrado de lajes de grauvaque, o que indica a ausência de tumulus; embora violada, forneceu um machado intacto de anfibolito e uma ponta de seta curta, de base cavada, de tipologia claramente calcolítica, além de um pequeníssimo fragmento de placa de xisto gravada (Cardoso e Gradim, 2003).

Aparte a informação fornecida pelas sepulturas de Ferradeira, que de facto correspondem a contextos homogéneos e fechados, o suporte material daquela realidade arqueológica afigurava-se pouco consistente, já que se baseava, essencialmente, em escavações antigas de que resultaram peças cujas associações contextuais nem sempre se afiguram claras. É o caso do conjunto atribuído a uma sepultura secundária efectuada na *tholos* do Monte do Outeiro (Aljustrel), a qual continha dois vasos campaniformes lisos, dois vasos de carena alta de perfil suave, com afinidades ao exemplar exumado na sepultura em apreço, uma ponta Palmela igualmente de tipo evoluído e um conjunto de taças em calote ou de esféricos baixos (Schubart, 1965), também lisos, alguns deles idênticos à taça do monumento em estudo.

Face ao exposto, assume particular interesse a presente ocorrência, já que, na região algarvia, é a primeira, depois da sepultura

de Ferradeira a poder ser invocada em apoio daquela proposta. O paralelo mais directo e sugestivo corresponde à inumação secundária, também de carácter individual, recentemente identificada no monumento calcolítico de Monte da Velha (Serpa) (Soares, 2008; Soares *et al.*, 2009), à qual se associaram três recipientes lisos, colocados uns dentro dos outros: uma taça em calote, um esférico baixo e um vaso campaniforme. Pela primeira vez, foi possível obter datação absoluta para uma inumação pertencente a este horizonte cultural:

Beta-194027 – 3900 ± 40 BP, a qual, depois de calibrada, fazendo uso do programa CALIB Rev 5.0.1 e da curva INTCAL04, para dois sigma, deu o seguinte intervalo: 2479-2280 cal BC (0,97096 em 1,00000).

Pode, pois, concluir-se, que a tumulação secundária individual do monumento de Monte da Velha, se situará no terceiro quartel do III milénio a.C., época que corresponderá, no sul de Portugal, no entender de A. M. Monge Soares, à transição do Calcolítico para a Idade do Bronze. Crê-se, no entanto, que tal transição se prolongou pelo último quartel do III milénio a.C., aceitando-se, tanto por questões de carácter económico-social – com antecedentes no decurso do Calcolítico, como é o caso da emergência e generalização da prática do sepultamento individual, que substituiu o colectivo – como de carácter temporal, que a tal período se inclua no Bronze Inicial, na sequência das propostas apresentadas por diversos autores (Mataloto, 2006), o qual seria sinónimo, no sul do país, do chamado Horizonte de Ferradeira.

Com efeito, a emergência do Bronze do Sudoeste, equivalente do Bronze Pleno, neste espaço geográfico, só se terá verificado, de acordo com as datações conhecidas, tanto de sítios habitacionais como funerários da Estremadura portuguesa e da região do Sudoeste, incluindo a Estremadura espanhola (caso do Castelo de Alanje, Badajoz), no primeiro quartel do II milénio a.C. (ver síntese em Mataloto, 2006), pelo que o último quartel do III milénio a.C. deve integrar-se ainda naquele período de transição.

Por outro lado, a tumulação em apreço, pela tipologia do espólio, sugere época mais recente que as associações fechadas até agora publicadas e atribuídas ao Horizonte de Ferradeira. Com efeito, ao contrário do verificado com a generalidade daquelas, não ocorre nenhum vaso campaniforme liso, afigurando-se o recipiente de carena alta como um elemento de transição entre as produções campaniformes (vasos campaniformes, e, sobretudo, caçoilas de diversos tipos) e os recipientes carenados do Bronze do Sudoeste. Nesse mesmo sentido concorre a tipologia do punhal, que, como se referiu, corresponde a forma de transição entre as panóplas calcólicas e as da Idade do Bronze, sendo claramente mais próximo destas últimas produções. Deste modo, crê-se que a cronologia a atribuir à tumulação da anta do Malhão se deve incluir nos finais do III milénio a.C., imediatamente antes da emergência do Bronze do Sudoeste na região, no primeiro quartel do milénio seguinte. Note-se que este processo de transição não foi uniforme nem conheceu as mesmas balizas cronológicas em outras áreas do sul peninsular. No Baixo Guadalquivir, a necrópole de Guadajira (Badajoz), atribuída a esse curto período de transição para a Idade do Bronze, corresponderá às últimas expressões das sepulturas colectivas. Na sepultura 3, a par de um fragmento de vaso campaniforme inciso, foram recolhidos fragmento de punhal de lingueta, cinco pontas Palmela e assinalável conjunto de cerâmicas lisas, entre as quais formas típicas do Bronze do Sudoeste (Hurtado Pérez e Garcia Sanjuán, 1994, Figs. 7 a 13). Admitindo, como os autores referidos, que as produções de tipologia mais moderna, claramente integráveis no Bronze do Sudoeste, sejam de facto coevas das produções campaniformes decoradas – veja-se, por oposição, a situação descrita por Schubart, em 1971, na sepultura megalítica calcólica do Colado de Monte Nuevo, Olivenza, onde se identificou reutilização funerária no Bronze do Sudoeste (Schubart, 1973), o que justifica cuidados redobrados na interpretação da realidade material – tal obrigaria a considerar uma sobrevivência das produções campaniformes no decurso da primeira metade do II milénio a.C., o que, em Portugal, não se terá certamente verificado.

Note-se que H. Schubart integrou fragmento de taça Palmela com decoração a pontilhado recolhida em Aljustrel – então o único exemplar publicado no Baixo Alentejo – entre os “itens” do seu Horizonte de Ferradeira, o que se afigura contraditório à sua própria definição (Schubart, 1971, Fig. 3 a).

Em suma: o Horizonte de Ferradeira, corresponderá, globalmente, no sul do País, à segunda metade do III milénio a.C. Num primeiro momento, reportável ao terceiro quartel do III milénio a.C., assistiu-se à realização de tumulações individuais, aproveitando, para o efeito, monumentos anteriores, como é o caso de Monte do Outeiro e de Monte da Velha, com a presença de vasos campaniformes lisos. Tal prática vem na sequência da tradição campaniforme plenamente afirmada no período imediatamente anterior, de que são exemplo as tumulações secundárias com materiais campaniformes decorados incisos, associados ou não a vasos campaniformes lisos, observadas em diversos monumentos dolménicos alto-alentejanos (Mataloto, 2006).

Num segundo momento do Horizonte de Ferradeira, já do último quartel do III milénio a.C., corporizado de momento apenas pelo caso em apreço e talvez pela necrópole de Ferradeira, parece verificar-se a ausência de vasos campaniformes, substituídos por produções cerâmicas afins das do Bronze do Sudoeste, mantendo-se as pontas Palmela, e desaparecendo os punhais de lingueta, por sua vez substituídos por exemplares afins de alguns modelos argáricos, como é o caso em apreço. Traço comum aos dois momentos, foi a manutenção da prática de tumulações individuais, aproveitando estruturas pré-existentes, como é o caso da anta do Malhão, ou construídas de novo, como a cista de Ferradeira, com antecedentes locais, evocando continuidade no campo das práticas funerárias: é o caso da cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim), atribuída ao Neolítico Final ou ao Calcolítico a qual, tal como a anta do Malhão, era provida de um lageado periférico à estrutura tumular (Cardoso e Gradim, 2003), à semelhança do verificado em cistas muito mais modernas, já da Idade do Ferro, como as dos

núcleos I e II da necrópole do Cabeço da Vaca (Alcoutim) (Cardoso e Gradim, 2006, 2007), o que parece configurar particularidade regional de carácter transcultural.

2.4 – O Bronze do Sudoeste

2.4.1 – A necrópole das Soalheironas⁴

A localização geográfica desta necrópole, apenas a cerca de 3 km da margem direita do Guadiana, e, portanto, do território espanhol, mostra, a par de outras necrópoles conhecidas na região, que a sua distribuição geográfica se estende, sem soluções de continuidade, pelas regiões setentrionais da província de Huelva, onde se reconheceram necrópoles com características arquitectónicas e espólios semelhantes. Os espaços ainda vazios do território espanhol, ao longo da margem esquerda do Guadiana, podem, assim, atribuir-se mais à ausência de prospecções, do que ao efectivo despovoamento da região, no decurso da Idade do Bronze. Por outro lado, a concentração de necrópoles ao longo do Guadiana, algumas das quais conhecidas desde o tempo de Estácio da Veiga, e por ele publicadas, sugere a importância económica que o grande rio já então teria. Com efeito, sendo esta uma área pouco propícia à prática da agricultura, a exploração das minas de cobre disseminadas pela região, com a consequente circulação dos produtos respectivos, constituiria, por certo, o mais importante factor de fixação e povoamento desta região do baixo Guadiana, como o próprio Estácio da Veiga já concluiu (Cardoso e Gradim, 2004).

A selecção de um cerro, estreito e alongado, de orientação geral ESE-WNW, para a implantação da necrópole, foi determinante para a conferir a esta características peculiares, onde as sepulturas se

⁴ Sobre esta notável estação arqueológica foi publicado o seguinte estudo: CARDOSO, João Luís; GRADIM, Alexandra (2008 a) - A necrópole de cistas da Idade do Bronze das Soalheironas (Alcoutim). Primeira notícia dos trabalhos realizados e dos resultados obtidos. *Promontoria*. Faro. 6, p. 223-248.

sucedem, alinhadas, umas às outras, e a altitudes sucessivamente menores, numa disposição condicionada pela própria morfologia do cerro. Trata-se de uma situação que ainda não tinha sido identificada de forma tão marcante em necrópoles do Bronze do Sudoeste.

A organização interna da necrópole mostrou a existência de seis núcleos, concentrando-se os espólios nos dois núcleos mais orientais (Fig. 7 e Fig. 8). Verifica-se que esta situação não pode ser correlacionada, nem com o eventual melhor estado de conservação das cistas desses dois grupos – facto que não se verifica – nem com uma melhor qualidade construtiva das mesmas; com efeito, nos núcleos central e ocidental, reconheceram-se sepulturas de qualidade construtiva idêntica à patenteada em exemplares dos dois núcleos mais orientais, e igualmente em bom estado de conservação, mas desprovidas de espólio. Desta forma, duas alternativas se afiguram merecedoras de futura discussão:

– a primeira alternativa, corresponde à hipótese de os seis núcleos identificados na necrópole terem sido constituídos em simultâneo, mas de forma hierarquizada, explicando-se a maior abundância de espólios observada nos dois núcleos mais orientais, que são também os que ocupam uma posição de maior visibilidade mercê da sua maior altitude, pela superior importância social dos inumados. Note-se, a propósito, que as duas únicas peças metálicas exumadas provêm do núcleo mais oriental e que nove dos catorze recipientes foram recolhidos nesses dois núcleos, os quais, no conjunto, integram apenas 11 das 32 sepulturas identificadas;

– a segunda alternativa corresponde à possibilidade de a necrópole ter sido construída progressivamente de oriente para ocidente: sendo as sepulturas mais antigas, que ocupariam a parte mais alta e destacada do cerro, pertencentes aos dois primeiros núcleos, também as mais ricas, tal realidade configuraria o declínio da prática de oferendas fúnebres, caída em desuso, no decurso da utilização da necrópole, que pode ter funcionado apenas durante escassas dezenas de anos. Esta realidade pode ser explicada quer pela evolução das práticas funerárias, quer

pelo crescente empobrecimento da comunidade respectiva, pese embora a humildade das oferendas.

Do ponto de vista tipológico, o conjunto cerâmico integra formas comuns ao Bronze do Sudoeste, genericamente reportáveis à sua fase mais antiga (produções do Grupo Atalaia, característico do Bronze I do Sudoeste), as quais são comuns nas necrópoles do vale do baixo Guadiana, contrastando com a ausência de produções cerâmicas consideradas mais tardias (Bronze II do Sudoeste), que, embora conhecidas no Algarve, se encontram essencialmente representadas no barlavento (Schubart, 1975, Karte 16, 18). Ao contrário, o espólio metálico, constituído por uma pequena ponta de arremesso (ou de projectil) de cobre, e por um punhal de talão convexo, desprovido de chanfros de encabamento ou de rebites, também de cobre, constituem tipos raros no quadro das produções metálicas do Bronze do Sudoeste.

2.5 – A Idade do Ferro

2.5.1 – A necrópole do Cabeço da Vaca⁵

O sítio arqueológico implanta-se na parte mais alta de um extenso relevo alongado a cerca de 240 m de altitude, constituído

⁵ Sobre os resultados das escavações realizadas em 2003 e 2004 nos dois núcleos que compõem a necrópole publicaram-se dois artigos em 2006 e 2008 respectivamente: CARDOSO, João Luís; GRADIM, Alexandra (2006) - A necrópole da I Idade do Ferro de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim). *3.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2005)*. Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 201-226. (XELB, 6) e CARDOSO, João Luís e GRADIM, Alexandra (2008 b) - O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro do Cabeço da Vaca (Alcoutim). *5.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2007)*. Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 103-116. A intervenção realizada em 2009 e destinada a concluir a escavação da sepultura n.º 5, situação detectada aquando dos trabalhos de conservação da necrópole, foi objecto de publicação no livro: CARDOSO, João Luís e Gradim, Alexandra (2012) – *Dez anos de trabalhos arqueológicos em Alcoutim. Do Neolítico ao Romano*. Lisboa: Câmara Municipal de Alcoutim. O presente texto corresponde, à compilação dos dados existentes nas diversas publicações mencionadas.

por formações do Carbonífero marinho de fácies flysch (alternâncias de xistos azul-anegrados e de grauvaques acinzentados, que por alteração dão origem a colorações castanho-amareladas), com orientação NNW-SSE, que se desenvolve a Este da povoação de Giões, a cuja freguesia pertence.

Do local divisa-se uma vasta paisagem para sul, o mesmo sucedendo do lado oposto, a partir do topo da crista, a escassos metros de distância do local escavado.

Em 2003 escavou-se a parte mais importante do núcleo 1 da necrópole (Fig. 9), constituída por seis sepulturas individuais de distinta morfologia, incluindo cistas e covachos simples, abertos no substrato geológico, em ambos os casos com coberturas de lajes dispostas transversalmente, que num caso ainda se conservavam.

O núcleo 2 foi escavado em 2004, a par de uma pequena parte ainda por escavar do núcleo 1, concluída em 2009. Este segundo núcleo correspondia a uma grande cista isolada, a cerca de 250 m do primeiro núcleo e na mesma crista de relevos. Os resultados obtidos da escavação, vieram confirmar que se tratava de uma cista de maiores dimensões que as suas homólogas do núcleo I. Fora já alvo de violação, a qual, porém, não atingiu o nível basal, onde se recolheu um raro punhal de ferro, adiante descrito, cuja tipologia indica cronologia não ulterior aos séculos VI/V a. C. As características excepcionais desta peça, remetem para um indivíduo destacado no seio da comunidade, merecendo, por isso, a sua sepultura adequada individualização, tanto no tamanho, como, sobretudo, no local seleccionado para a sua construção, isolando-a em uma pequena elevação, dominando visualmente o outro núcleo da necrópole, onde foram inumados os restantes elementos desta pequena comunidade da I Idade do Ferro da serra algarvia.

As assinaláveis dimensões da cista, com um comprimento interno de cerca de 1,50 m, permitia a deposição de um corpo em decúbito lateral com braços e pernas flectidos. É provável que fosse essa a posição adoptada na única inumação que a cista terá recebido, hipótese reforçada não só pelos exemplos coevos

conhecidos localmente, mas também pelas restantes cistas algarvias da I Idade do Ferro, como as da célebre necrópole de Bensafrim (Cardoso & Gradim, 2006). O maior tamanho da cista em apreço pode, pois, explicar-se, não por ter sido diferente o ritual funerário nela utilizado, mas pela maior importância da personagem no seio da comunidade que utilizaria o núcleo funerário adjacente.

Espólios arqueológicos do núcleo 1: 1 – Pingente de cornalina: recolheu-se pequeno pingente de cornalina em forma de bago de romã na sepultura 1. Trata-se de exemplar sem equivalente nas necrópoles de cistas da Idade do Bronze do sul de Portugal. Com efeito, o paralelo mais próximo registou-se na necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova, Ourique, encontrado na crivagem das terras superficiais da sondagem realizada na área da necrópole, assim descrita (Dias, Beirão e Coelho, 1910, p. 178). Conhece-se outro paralelo, recolhido na Sepultura 1 da necrópole da Idade do Ferro de Pardieiro, Odemira, embora de maiores dimensões, pois atinge o comprimento de 37 mm (Beirão, 1990, p. 111, Fig. 8). Por último, na necrópole da mesma época de Fonte Santa (Ourique) recolheram-se duas contas de cornalina, sendo uma delas oblonga (Beirão, 1986, p. 71). **2 – Pontas de lança:** na sepultura 6 recolheram-se duas pontas de lança de ferro, colocadas lado a lado e encostadas ritualmente a um dos lados da sepultura, do tipo covacho (Fig. 10, à direita). É frequente o achado de pontas de lança de ferro em necrópoles da Idade do Ferro, do Baixo Alentejo e do Algarve. Trata-se, na maioria dos casos, de exemplares muito longos, de nervura central bem marcada e robusta, com diversos tipos de secção, como os exemplares em estudo, e ombros também bem assinalados na base, baptizados por W. Schüle como “Alcácer-Lanzen”. Contudo, exemplares bem conservados e completos são raros; entre eles, destacam-se as duas pontas de lança provenientes da sepultura 22 da necrópole de Alcácer do Sal (Paixão, 1983), cujos comprimentos actuais são, respectivamente, de 48,6 cm (originalmente pelo menos 49,5 cm) e 51,3 cm (originalmente pelo menos 53,0

cm). Estas elevadas dimensões têm paralelo na ponta exumada na cista dos Gregórios, Silves (Barros *et al.*, 2005), com 47,7 cm (originalmente pelo menos 48,5 cm). Estas dimensões são, pois, idênticas às dos exemplares da necrópole do Cabeço da Vaca 1, onde poderiam estar representados não duas pontas, mas sim uma ponta e um conto, pertencentes à mesma lança. De entre as necrópoles da Idade do Ferro baixo-alentejanas e algarvias que forneceram pontas e contos de lança comparáveis, referidas em diversos trabalhos (Beirão, 1986, 1990), avultam os exemplares oriundos da necrópole de Alcácer do Sal. Na sua classificação tipológica, W. Schüle reproduz as lanças e contos conservados no Museu Nacional de Arqueologia (Schüle, 1969, Tf. 102, 103 e 104). As primeiras, correspondem em geral a exemplares muito longos, munidos ou não de nervura central, a qual, quando existe, confere aos exemplares secção variável: bicôncava, ou com crista central aguda ou boleada; as que possuem nervura de secção sub-rectangular, sub-quadrangular, sub-triangular ou ainda sub-circular exibem, em geral, ombros mais salientes na base que as restantes; dois exemplares deste tipo, com nervura de secção sub-quadrangular a sub-trapezoidal, acompanhados dos respectivos contos, foram recolhidas no decurso das escavações dirigidas por A. Cavaleiro Paixão na sepultura 22/80 (Paixão, 1983, p. 282). Os exemplares surgiram aos pés da sepultura, e não exibem quaisquer deformações intencionais (*op. cit.* Fig. 5), atingindo os 50 cm de comprimento máximo. Na necrópole dos Gregórios (Silves), constituída pelo menos por duas cistas escavadas nos xistos e grauvaques do Carbonífero, a intervenção realizada apenas incidiu sobre a que se encontrava em perigo de destruição, evidenciada à superfície do terreno pelos topos de três esteios de arenito de Silves. No seu interior, foi identificado esqueleto depositado sobre o lado direito, em posição flectida, atribuível a mulher jovem, com base em algumas características anatómicas. Esta determinação está em aparente contradição com o achado de uma ponta de lança, acompanhada do respectivo conto,

colocados lado a lado sob a cabeça do inumado, do lado SW, dispostos paralelamente ao esteio de cabeceira. O restante espólio integra 17 contas de pasta vítrea, ainda na posição original, constituindo um colar em torno do pescoço e um pote de cerâmica manual/torno lento, encontrado no meio dos fragmentos da laje de cobertura. A tipologia da lança, que se encontra deformada em arco e afectada pela corrosão, integra-se no grupo das pontas de lança de Alcácer, extremamente longas, com nervura central e folha com ombros marcados na base (*op. cit.*, Fig. 4). O comprimento actual é de 47,7 cm e o conto atinge 48,5 cm. A ocorrência de uma arma com estas características em uma sepultura feminina merece ser aprofundada, no quadro dos preceitos funerários dos séculos VI/V a.C. Em Fonte Velha de Bensafrim (Lagos), a mais emblemática necrópole de cistas da Idade do Ferro do sul do actual território português, tornada célebre por Estácio da Veiga, que a publicou (Veiga, 1891). A respectiva planta (*op. cit.*, Est. XXVII), complementada por outra existente no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz e realizada aquando das escavações ali efectuadas pelo referido arqueólogo (Correia, 1997 a, Fig. 4), indicam uma orientação geral das sepulturas NNW-ESW. Os espólios eram em geral pobres, avultando contas de colar de vidro e alguns adereços de bronze; nota-se a quase ausência de armas: Estácio da Veiga atribuiu a pontas de lança dois objectos de aspecto informe, por si reproduzidos (Veiga, 1891, Est. XXIX, n.º 17, 19), cada um deles recolhido em sua sepultura. A cronologia atribuída a esta necrópole não é anterior ao século VI a.C., correspondendo as lápides epigrafadas da Idade do Ferro ali encontradas a reaproveitamentos ocasionais. São esporádicas e incompletas as referências a outras necrópoles algarvias desta época, que, em qualquer caso, não forneceram materiais com interesse comparativo com os exumados na necrópole do Cabeço da Vaca.

3 – recipientes cerâmicos: os três recipientes cerâmicos recolhidos e que se apresentam tipologicamente definidos – dois obtidos na limpeza superficial do terreno e outro no interior da Sepultura 4

– não se integram no quadro das produções cerâmicas usuais das necrópoles da Idade do Ferro do sul do actual território português. Pequenos recipientes como os exumados, possuindo carenas baixas e bem marcadas, e paredes de espessura média, diferem dos escassos exemplares carenados assinalados da Idade do Ferro que se conhecem, como os recolhidos na Sepultura II da Herdade do Pego (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 204). Com efeito, os exemplares em causa são vasos de paredes finas, de carenas médias pouco marcadas ou de perfil suave, semelhantes aos exemplares do Bronze Final recolhidos na *tholos* do Malhanito, Alcoutim (Cardoso, 2005), associados à tumulação realizada nessa época na câmara do monumento. Recipientes idênticos foram encontrados recentemente em estratigrafia no Castro dos Ratinhos (Moura), nas camadas de uso, destruição e abandono da Fase 1, situada entre os séculos VII e VI a.C. (Silva e Berrocal-Rangel, 2005, Figs. 7 e 9). As formas carenadas identificadas em Cabeço da Vaca I são, ao contrário, características do Bronze do Sudoeste. Outros fragmentos integram-se no Bronze Final ou já na Idade do Ferro: é o caso de dois pequenos exemplares com paredes de fina espessura e bom acabamento superficial, um dos quais conservando cuidado brunimento, recolhidos à superfície, conservando ambos com parte do bordo. O aparecimento de recipientes característicos do Bronze do Sudoeste na área ocupada pela necrópole de cistas do Cabeço da Vaca I, tendo um desses recipientes sido recolhido no interior de uma delas (Sepultura 4), leva a admitir a hipótese de as sepulturas mais antigas da necrópole poderem ser ainda do Bronze do Sudoeste e não da Idade do Ferro pois, do ponto de vista estritamente arquitectónico, uma e outras não exibem caracteres diferenciadores. A ser assim, as Sepulturas 1 a 4 poderiam pertencer a essa fase mais antiga da necrópole, a que somaria, mais tarde a Sepultura 6 e a Sepultura 5, embora esta não possua espólio. Tal sucessão está, aliás, de acordo com a sequência construtiva interna proposta, face à distribuição espacial dos monumentos e constituiria um reforço

para o reconhecido potencial simbólico detido pelos espaços sepulcrais pré-existentes, para as populações da Idade do Ferro, como se conclui pelas frequentes reutilizações de tais espaços nesta época (Correia, 1997 b, p. 67; Cardoso, 2005). Contudo, existem argumentos que suportam alternativa a este modelo, talvez demasiado simplista. Com efeito, a recolha de um pingente de cornalina, oriunda do interior da Sepultura 1, com a forma típica de bago de romã, idêntica à recolhida na necrópole de Monte de A-do-Mealha-Nova – forma desconhecida na Idade do Bronze do sul do actual território português – deve ser valorizada. Assim, em alternativa ao modelo anterior, poder-se-á admitir a existência de um pequeno sítio habitado do Bronze do Sudoeste, no mesmo local da crista da elevação onde, mais tarde, se implantou a necrópole da Idade do Ferro. A ter sido assim, os fragmentos de materiais cerâmicos recolhidos não teriam resultado de destruições do espólio existente no interior das sepulturas, ocorridas aquando do esvaziamento destas,

Espólios arqueológicos do núcleo 2: apenas se identificou um punhal de ferro, disposto longitudinalmente no fundo primitivo da cista, a cerca de um terço do seu comprimento. Assim, é provável que a sua posição original no corpo do inumado se situasse pouco acima da cintura, na hipótese de o corpo se apresentar colocado em decúbito dorsal, com a cabeça do lado norte. Possui lâmina aparentemente rectilínea, terminando por uma guarda lisa, de prata, de contorno losânguico (Fig. 10, à esquerda). Falta-lhe a empunhadura, que aparentemente possuía a forma de um espigão, destinado à fixação do cabo, da qual se conserva o arranque. O mau estado de conservação impede que, não só, se conheçam as verdadeiras dimensões da peça, mas também a sua própria morfologia, conducente a uma classificação mais segura. Seja como for, opinião do Prof. Fernando Quesada Sanz, da Universidade Autónoma de Madrid, consultado a tal respeito, em Setembro de 2007, foi a de que não se conhecem, exemplares comparáveis ulteriores ao século VI/V a.C., conclusão

que é compatível com a cronologia proposta para a necrópole, justamente atribuída àquela época.

Tem sido afirmada repetidamente, por diversos autores, a existência de diferenças arquitectónicas nítidas entre as necrópoles algarvias da Idade do Ferro e as que, a partir da encosta nordeste da serra do Caldeirão, se desenvolvem para norte, já no Baixo Alentejo (Correia, 1997 a, p. 272). Assim, as primeiras, constituídas por cistas simples, aparentemente desprovidas de *tumuli*, paradigmaticamente representadas pela necrópole de Fonte Velha (Loulé), contrastam, na sua simplicidade, com as necrópoles da Idade do Ferro do sul do Baixo Alentejo, cujo faseamento interno foi proposto por Caetano Beirão e ulteriormente sistematizado por Vergílio Hipólito Correia (Correia, 1993, p. 360). Tais necrópoles seriam caracterizadas por monumentos que se foram adossando sucessivamente uns aos outros, sendo os mais antigos os de planta circular, a que se sucedem outros, de planta rectangular, sem prejuízo de existirem monumentos isolados, constituídos por *tumuli* rectangulares, e, enfim, monumentos em π , que são os mais modernos da série. Um destes últimos monumentos foi escavado por Caetano Beirão, junto à povoação de Mestras, também no concelho e Alcoutim (Beirão, 1986, Fig. 7), indício da coexistência, no espaço, mas não no tempo, de soluções arquitectónicas funerárias distintas, ao longo da Idade do Ferro nesta região do Alto Algarve oriental, sendo naturalmente mais antigas as necrópoles de cistas, como a agora estudada.

A aparente dicotomia registada na arquitectura funerária da Idade do Ferro teria antecedentes directos na Idade do Bronze. Com efeito, enquanto as necrópoles algarvias se apresentam sob a forma de cistas, desprovidas aparentemente de *tumuli*, como é o caso das de Alcaria (Monchique), Pereira (Monchique), Vinha do Casão (Loulé), Corte do Guadiana (Castro Marim) Cerro da Eira da Estrada (Castro Marim) (Gomes, 1994, Fig. 64), já as cistas que integram as necrópoles baixo alentejanas se apresentam frequentemente integradas em recintos, que se vão

complexificando à medida que se sucederam os enterramentos, assumindo o conjunto o aspecto de fava. Exemplo paradigmático desta organização funerária é fornecido pela necrópole de Atalaia (Ourique); em alternativa, as sepulturas, de tipo cistóide, integram-se em recintos de planta circular, como a necrópole de Panóias, Ourique, ou ainda em recintos de planta rectangular, adossados uns aos outros, como é o caso da necrópole de Provença, Sines.

Contudo, a organização interna observada na necrópole da Alfaroqueira, Silves, na qual foi possível a elaboração de proposta para o desenvolvimento arquitectónico nela observado (Gomes, 1994, Fig. 50), idêntica à das necrópoles do litoral baixo alentejano da região de Sines (Silva e Soares, 1981), veio provar que, no Algarve, também existiam os dois tipos de situações: necrópoles de cistas simples, desprovidas aparentemente de *tumuli*; e necrópoles de cistas integradas em recintos, e providas de *tumuli*.

O panorama na Idade do Ferro é, também, mais complexo daquele que se julgava como adquirido há bem pouco tempo (Correia, 1997 a, p. 272) e tão taxativamente expresso pela frase “a diferença entre estas duas arquitecturas funerárias é evidente e parece estar no seguimento do mesmo fenómeno observado durante a Idade do Bronze” (Arruda, 2000, p. 102). Com efeito, a descoberta da necrópole de Corte Margarida, da qual infelizmente só se escavaram duas cistas, em pleno Baixo Alentejo (Deus & Correia, 2005), veio mostrar que a referida dicotomia não é tão generalizada e evidente como se supunha. Aliás, a própria localização geográfica da necrópole de Cabeço da Vaca 1, dominando um vasto horizonte para norte, que penetra francamente na região baixo alentejana, faz pressupor outras ocorrências já neste último espaço geográfico, sem embargo de se implantar em zona de transição.

As mais antigas necrópoles da região de Ourique, constituídas por monumentos de planta circular, foram reportadas ao século VIII a.C. pleno, “pela necessidade de considerar esta arquitectura como absolutamente posterior à sua origem óbvia,

as necrópoles Tipo Atalaia, de que a epónimo está datada pelo C14, numa fase avançada do seu desenvolvimento, de 1105-800 a.C. (...)” (Correia, 1997 b, p. 360, nota 3). Contudo, a validade deste raciocínio encontra-se prejudicada pela própria validade da data em que directamente se apoiou. Na verdade, como bem assinalou A. M. Arruda, sem colocar reservas explícitas à data mencionada, embora as similitudes arquitectónicas entre os dois grupos de monumentos funerários sejam evidentes, não permitem “afirmar, taxativamente, que estes últimos se seguem, de imediato, aos primeiros” (Arruda, 2001, p. 283). Registe-se, porém, que esta mesma autora, no ano imediatamente anterior, havia defendido hipótese contrária, ao declarar, a propósito das necrópoles algarvias e baixo alentejanas da Idade do Ferro que “A distinção entre as duas arquitecturas funerárias é evidente e parece estar no seguimento do mesmo fenómeno observado durante a Idade do Bronze” (Arruda, 2000, p. 102).

Mas a data obtida em Atalaia, não pode, na verdade, até por ter sido obtida sobre madeira carbonizada, material que, como é sabido, enferma de severas limitações, ser conectada a qualquer fase de construção da necrópole referida. Com efeito, H. Schubart publicou três datas, todas elas obtidas sobre amostras de madeira incarbonizada, mas apenas uma (KN – I 201) se aproxima da cronologia outrora atribuída ao final do Bronze II do Sudoeste, a qual, calibrada para anos de calendário deu o resultado de 1105-800 cal BC (Soares & Cabral, 1984, p. 194). As restantes datas correspondem a cronologia calcolítica, remontando ao I milénio a.C. (KN – I 200), ou já aos tempos históricos (KN - I 204) (Schubart, 1975, p. 170, 171). Conclui-se, deste modo, que houve uma selecção apriorística, optando-se por uma determinada data, supostamente adequada, de acordo com enquadramento cronológico que ao tempo se atribuía ao Bronze do Sudoeste, fazendo corresponder o seu final aos finais do II milénio/inícios do I milénio a.C., realidade que o tempo veio desmentir (Schubart, 1975, Abb. 25). Com efeito, o final

das necrópoles de cistas do Bronze do Sudoeste não ultrapassa, na melhor das hipóteses a data de 1100 anos a.C., coincidindo com a emergência do Bronze Final II (Torres Ortiz, 2002, p. 352) sendo as contas de pasta vítrea encontradas na sepultura 22 do monumento V compatíveis com tal cronologia: H. Schubart (1975, p. 100) admitiu para tais exemplares cronologia abarcando toda a segunda metade do II milénio a.C., o que é compatível com o achado de contas idênticas no povoado do Bronze Final do Passo Alto, Serpa (comunicação pessoal do Eng. A. M. Monge Soares, que se agradece).

Fica, deste modo, por preencher, uma lacuna de vários séculos, entre as últimas tumulações efectuadas na necrópole de Atalaia e as mais antigas tumulações sidéricas da mesma região, mesmo admitindo que estas se tenham de facto iniciado no século VIII a.C., conforme a proposta de C. Beirão e de V. H. Correia, actualmente contestada por vários autores, apontando cronologia muito mais recente, em torno ao século V a.C. (Jiménez Ávila, 2004, p. 107,108). Nestas condições, não será possível continuar a aceitar a filiação directa das necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo, naquelas que, na mesma região, se encontram documentadas na Idade do Bronze.

E, no que concerne mais directamente ao presente trabalho: será viável admitir a filiação directa das cistas algarvias e baixo-alentejanas das necrópoles da Idade do Ferro nas suas antecessoras do Bronze do Sudoeste? Também neste caso a resposta, no estado actual dos nossos conhecimentos, só pode ser negativa, dada a existência de lacuna, de vários séculos, que mediou entre as primeiras e as segundas, as mais antigas das quais não devem ser mais antigas que o início do século VI a.C., por muito aliciante que, à primeira vista possa parecer a hipótese contrária, admitida por A. M. Arruda (Arruda, 2000, p. 102).

Na região de Alcoutim, a necrópole de cistas do Cabeço da Vaca 1 poderia pertencer ao século VI a.C., enquanto que, logo no século seguinte, a tradição se teria perdido, como parece

evidenciar-se pelo túmulo de Mestras, já anteriormente referido, construção tipicamente em π , pertencente já à tradição de incineração em urna, atribuída por Caetano Beirão e Virgílio Hipólito Correia ao século V a.C. Neste contexto, ganham renovado interesse as duas inscrições da I Idade do Ferro recolhidas no concelho de Alcoutim, uma delas aparentemente, associada ao referido túmulo (Beirão, 1986, n.º 35 e n.º 20, p. 48).

A interpretação, naturalmente complexa, da arquitectura funerária, suas modalidades e rituais associados na área em apreço encontra-se ainda dificultada pelas lacunas que, unanimemente, são reconhecidas e ainda persistirem, tendo ainda presente a existência, não de continuidades - sempre difíceis de comprovar - mas, mais plausivelmente, de situações recorrentes: é o caso da Sepultura 1 da necrópole em estudo, que se encontrava envolvida por uma estrutura pétreia, mas que não correspondia a cobertura tumular, com a identificada nas cistas do Bronze do Sudoeste, como a do Talho do Chaparrinho, Serpa (Soares, 1994) e da necrópole de Atalaia, Ourique. Na verdade, esta superfície lajeada tinha a função essencial de envolver a cista, criando um espaço sacralizado em todo o seu redor, cuja função é muito parecida à identificada na cista megalítica do Cerro do Malhão, Alcoutim, do Neolítico Final ou já do Calcolítico, acima descrita. Assim a aparente excepção que constituía tal componente arquitectónica no monumento em apreço, encontra-se, agora, completada pela descoberta e uma sua homóloga, num monumento de época e integração cultural completamente distintas.

3 – Conclusão

As intervenções arqueológicas dirigidas pelo signatário entre 1998 e 2005, em diversos monumentos pré-históricos e proto-históricos do concelho de Alcoutim foram motivadas, sobretudo, pela necessidade de, preventivamente, proceder à protecção das mais importantes ocorrências arqueológicas previamente

identificadas, objectivo que foi atingido sem excepção. Tais intervenções conduziram, outrossim, a resultados científicos, não menos importantes, a começar pelo conhecimento das diversas épocas ante-históricas representadas no território concelhio, contribuindo, antes de mais, para notável incremento do conhecimento das comunidades que ocuparam o respectivo território entre os finais do IV milénio a.C. e os meados do I milénio a.C..

Assim, o complexo megalítico do Lavajo, integrando dois núcleos de menires intervisíveis, Lavajo 1 e Lavajo 2, ilustra as práticas culturais realizadas entre finais do IV milénio e os meados do milénio seguinte: pela raridade das evidências arqueológicas que o constituem e tendo presente o seu evidente interesse patrimonial e monumental, foi o mesmo objecto de valorização, encontrando-se devidamente musealizado e sinalizado, antecedendo a sua integração em roteiro turístico local.

As necrópoles, representadas pela anta do Malhão, a cista do Cerro do Malhão, a *tholos* do Malhanito, as Soalheironas e o Cabeço da Vaca 1 e 2, ilustram o longo intervalo de tempo entre o Neolítico Final e a Idade do Ferro, passando pelo Calcolítico e pela Idade do Bronze (Bronze do Sudoeste). De destacar, pela sua importância científica, a sepultura identificada na anta do Malhão, representativa do período de transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze (Horizonte de Ferradeira), bem como a notável necrópole do Bronze do Sudoeste de Soalheironas, distribuída ao longo de uma crista xisto-grauváquica, que é uma das maiores necrópoles no seu género até ao presente publicadas. O Bronze Final está também representado pelo reaproveitamento funerário efectuado da câmara da *tholos* do Malhanito, onde se recolheu, entre outros vestígios, incluído humanos, importante conjunto de vasos de cuidado acabamento.

Após a escavação, todos os locais intervencionados foram sistematicamente protegidos, medida indispensável para a boa conservação das estruturas postas a descoberto, enquanto não for possível proceder à sua valorização patrimonial e consequente

integração de todos eles em circuitos de visita. A consequente protecção efectiva das ocorrências assim caracterizadas – pois tratava-se, na larga maioria dos casos de intervenções de carácter preventivo ou mesmo de emergência, justificadas pelo risco iminente de destruição dos próprios monumentos, por diversas actividades antrópicas, com destaque para as relacionadas com a florestação do concelho – criou condições propícias à valorização dos sítios e à sua consequente fruição por parte de toda a população. Tal é o objectivo já conseguido para um deles, e a ser concretizado logo que possível nos restantes, pois todos eles detêm potencialidades para o efeito. Assim se contribuirá para o consequente aproveitamento turístico-cultural do território concelhio onde estas ocorrências se inserem – cujos espólios se encontram em exposição permanente no castelo de Alcoutim, inaugurada em Abril de 2012 – constituindo assim os trabalhos arqueológicos realizados importante contributo para o próprio desenvolvimento económico e social desta tão bela quanto desprotegida região do País.

REFERÊNCIAS

ALMAGRO-GORBEA, M. J (1973) – *Los idolos del Bronce I Hispano*. Madrid, CSIC (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12).

ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. da Veiga (1967) – Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série III, 1: 81-95. Lisboa.

ARRUDA, A. M. (2000) – Práticas e rituais funerários no sul de Portugal durante a Proto-História. 3º. *Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, Setembro de 1999). Actas. Porto: ADECAP, 5, p. 101-108.

ARRUDA, A. M. (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4 (2), p. 207-291.

BARROS, P. *et al.* (2005) – A cista dos Gregórios (Silves). 2.º *Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, Outubro de 2003). Actas Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 41 -52 (Xelb, 5).

BEIRÃO, C. M. (1986) – *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal* (1 Âge du Fer). Paris: De Boccard.

BEIRÃO, C. M. (1990) – Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 107- 118.

CARDOSO, J L. (2002 a) – *Pré-história de Portugal*. Lisboa, Verbo.

CARDOSO, J. L. (2002 b) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do Calcolítico do sul peninsular. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 61-76.

CARDOSO, J. L. (2004) – Uma tumulação do final do Bronze Final / inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). Em M. C. LOPES; R. VILAÇA (Coord.), *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão*, pp. 193-223. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CARDOSO, J. L.; GRADIM, A. (2003) – A cista megalítica do cerro do Malhão (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 167-179.

CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2004) – Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 67-112.

CARDOSO, J. L.; GRADIM, A. (2005) – A *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). Resultados preliminares das escavações arqueológicas efectuadas. *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 18 e 18 de Outubro de 2003*, pp. 28-40. Silves (Xelb, 5).

CARDOSO, J. L.; GRADIM, A. (2006) – A necrópole da Idade do Ferro de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim). *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2005)*, 1, pp. 201-226. Silves: Câmara Municipal de Silves (*Xelb*, 6).

CARDOSO, J. L.; GRADIM, A. (2007) – A *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). Resultados das escavações arqueológicas efectuadas. *Promontoria. Faro*. 5, p. 199-226.

CARDOSO, J. L. ; GRADIM, A. (2008 a) – A necrópole de cistas da Idade do Bronze das Soalheironas (Alcoutim). Primeira notícia dos trabalhos realizados edos resultados obtidos. *Promontoria. Faro*. 6,p. 223-248.

CARDOSO, J. L.; GRADIM, A. (2008 b) – O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro de Cabeço da Vaca (Alcoutim). 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2007). *Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves*, 1, p. 103-116.

CARDOSO, J. L.; GRADIM, A. (2012) – *Dez anos de trabalhos arqueológicos em Alcoutim. Do Neolítico ao Romano*. Lisboa: Câmara Municipal de Alcoutim.

CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; GRADIM, A; JOAQUIM, A. N. (2002) – Menires do Alto Algarve oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5 (2), p. 99-133.

CARTAILHAC, E. (1886) – *Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald.

CORREIA, V. H. (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do sul de Portugal: arquitectura e rituais. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33 (3/4), p. 351-375.

CORREIA, V. H. (1997 a) – As necrópoles algarvias da I Idade do Ferro e a escrita do sudoeste. M. F.Barata, coord. *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p.265-279.

CORREIA, V. H. (1997 b) – Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do sul de Portugal e a sua arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto 37 (3/4), p. 41-85.

DEUS, M.; CORREIA, J. (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. S. Celestino Pérez & J. Jiménez Ávila, eds., *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Merida: CSIC, Junta de Extremadura, p. 615-618 (Anejos AespA, 35).

DIAS, M. M. Alves; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L. (1970) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 4, p.175-219.

FERREIRA, O. da Veiga (1953) – Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 37, p. 37-44.

FERREIRA, O. da V.; CASTRO, L. de A. e (1948) – A estação pré-histórica de Vale de Carro (Albufeira). *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Lisboa. 4:1, p. 53-60.

FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1953/1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14 (1/4), p. 66-225.

FRANCO, M. Lyster; VIANA, A. (1948) – Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11:3-4, p.299-305.

GARCIA, C. (2008) – *Cacela terra de levante. Memórias da paisagem algarvia*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António/Campo Arqueológico de Mértola.

GOMES, M. V. (1994) – *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb, 2).

GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; JOAQUIM, A. N. (1992) – Testemunhos megalíticos de Afonso Vicente (Alcoutim). *Notícia preliminar*. Al-madan. Almada. Série II, 1, p. 92-93.

GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. (1994) – A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.

GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa, INIC, Centro de Arqueologia e História (Estudos e Memórias, 2 vol.).

GONÇALVES, V. S. (2003) – O Algarve Oriental no 4.º e 3.º milénios *Tavira Território e Poder. Catálogo da exposição*, pp. 23-35. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) – A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*. 10, p. 235-254.

GRADIM, A. (1999) – Relatório das prospecções arqueológicas no âmbito dos projectos florestais (inventário arqueológico) apresentado ao Instituto Português de Arqueologia. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim (relatório não publicado).

Guimarães. 81:3/4, p. 189-215.

HURTADO PÉREZ, V. & GARCIA SANJUÁN, L. (1994) – La necrópolis de Guadajira (Badajoz) y la transición a la Edad del Bronce en la cuenca media del Guadiana. SPAL. Sevilla. 3, pp. 95-144.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2004) – La necrópolis de EI Jardal (Herrera dei Duque, Badajoz): elementos para una revisión cronológica de las necrópolis de la 1ª. Edad dei Hierro dei sur de Portugal / I *Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Faro, Novembro de 1996). Actas. Faro: Universidade do Algarve, p. 105-114 (Promontoria Monográfica, 01).

LEISNER, G. (1945) – A Cultura eneolítica do sul de Espanha e suas relações com Portugal. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses (Arqueologia e História, Série VIII, 1).

LEISNER, G. (s/d) – *Ausgemeisselte Tüiren in Megalithgräbern der Pyrenäenhalbinsel*. *Marburger Studien*, p. 147-155.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. *Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. *Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

LORRIO, A. J.; MONTERO RUIZ, I. (2004) – Reutilización de sepulcros colectivos en el sureste de la Península Ibérica: la colección Siret. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 61 (1), p. 99-116.

MATALOTO, R. (2006) – Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (2), p. 83-108.

PAIXÃO, A. Cavaleiro (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires - (Alcácer do Sal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p. 273-286.

prehistoricos, 1. Lisboa: Imprensa Nacional.

SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, p. 7-136.

SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), p. 189- 215.

SCHUBART, H. (1973) – Tumbas megalíticas com enterramientos secundários de la Edad del Bronce de Colada de Monte Nuevo de Olivenza. XII Congreso Nacional de Arqueologia (Jaén, 1971). *Actas*. Zaragoza, p. 175-190.

SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Tafeln. Berlin: Walter de Gruyter (*Madriider Forschungen*, Band 9).

SCHÜLE, W. (1969) – *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel. Karten und Tafeln*. Berlin: Walter de Gruyter & COo(Madriider Forschungen Band 3).

SERRALHEIRO, A. S. C.; ANDRADE, R. F. (1961) – O monumento megalítico do Monte das Pereiras. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 45: 503-511. Lisboa.

SILVA, A. C.; BERROCAL-RANGEL, L. (2005) – O castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8 (2), p. 129-176.

SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

SOARES, A. M. Monge (1994) – O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. *V Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, Maio de 1993). Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 179-197.

SOARES, A. M. Monge (2008) – O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11 (1), pp. 33-51.

SOARES, A. M. Monge *et al.* (2009) – Práticas rituais no Bronze do Sudoeste – alguns dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, pp. 433-456.

SOARES, A. Monge; CABRAL, J. M. Peixoto (1984) – Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 2, p. 167-214.

TORRES ORTIZ, M. (2002) – *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.

VASCONCELLOS, J. Leite de (1897) – *Religiões da Lusitânia*. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. M. E. (1886) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos pré-históricos*, 1. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. M. ESTÁCIO DA (1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, 4. Lisboa: Imprensa Nacional.

VIANA, A. (1962) – *Arqueologia Prática*. Beja, edição do autor.

VIANA, A.; FERREIRA, O. V. & ANDRADE, R. F. (1957) – Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 409-419.

VIANA, A.; ANDRADE, R. F.; FERREIRA, O. V. (1961) – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 483-492.

VIANA, A.; FERREIRA, O. V. & ANDRADE, R. F. (1961 a) - Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (1/2), p. 5-12.

VIANA, A.; FERREIRA, O. V. & ANDRADE, R. F. (1961 b) - Um túmulo de “tipo alcalarense” nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (3/4), p. 247-254.

LEGENDAS DAS FIGURAS (para inserir sob as mesmas, ao longo do texto)



Fig. 1 – Mapa simplificado do concelho de Alcoutim, com a localização das estações arqueológicas intervencionadas.



Fig. 2 – Os três menires decorados que integravam o núcleo 1 do Lavajo.

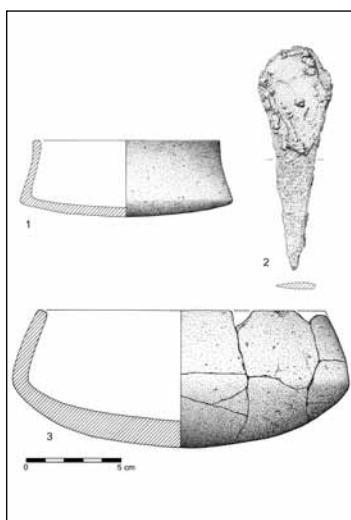


Fig. 3 – Em cima: ídolo antropomórfico feito num seixo rolado achatado de grauvaque, recolhido no lado direito do corredor da *tholos* do Malhanito; em baixo: vista geral do monumento no decurso das escavações.



Fig. 4 – Conjunto de vasos do Bronze Final/I Idade do Ferro relacionados com a reutilização funerária da câmara da *tholos* do Malhão.

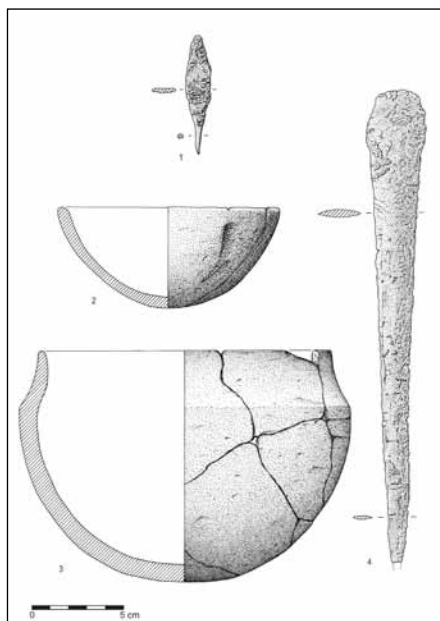


Fig. 5 – Vista geral da anta do Malhão, no final das escavações.



Fig. 6 – Conjunto funerário associado à tumulação do Horizonte de Ferradeira efectuada na anta do Malhão.

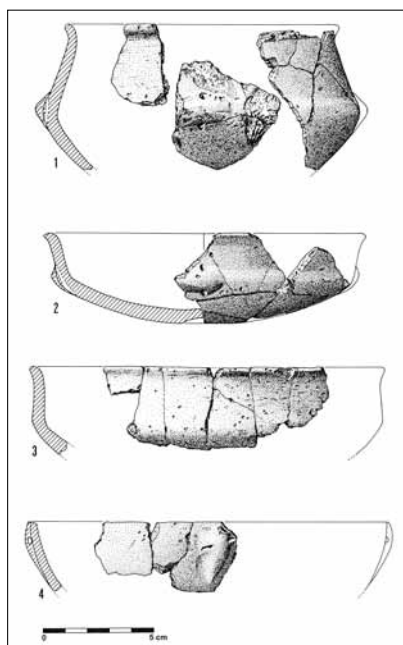


Fig. 7 – Recipientes depositados ritualmente no interior da Cista 7 da necrópole de Soalheironas.



Fig. 8 – Conjunto de oferendas funerárias provenientes da cista 4 da necrópole de Soalheironas.

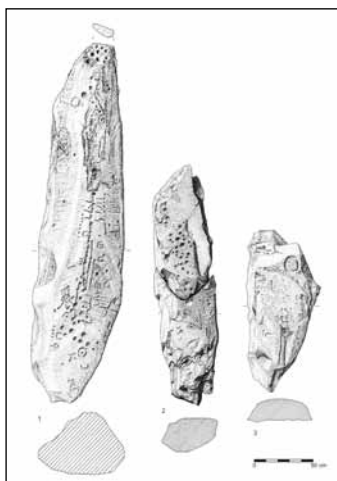


Fig. 9 – Vista parcial do núcleo 1 da necrópole do Cabeço da Vaca.

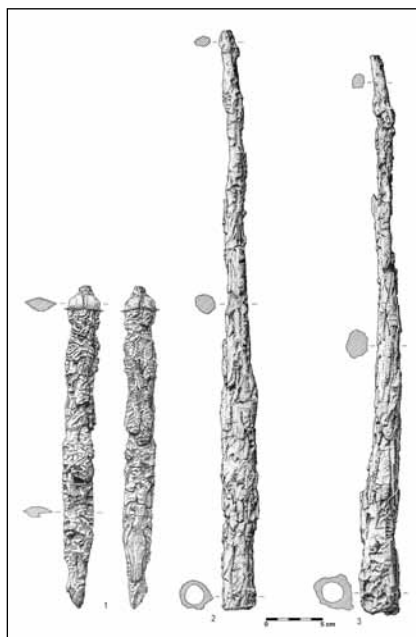


Fig. 10 – À esquerda: punhal de ferro com guarda de prata da sepultura do núcleo 2 da necrópole do Cabeço da Vaca; à direita: lanças de ferro depositadas ritualmente na sepultura 6 do núcleo 1 da necrópole do Cabeço da Vaca.